

ARQUEOLOGIA DO ARROIO MARRECCAS - CAXIAS DO SUL, RS
ARCHAEOLOGY OF MARRECCAS STREAM – CAXIAS DO SUL, RS

Patrícia Schneider
Neli Teresinha Galarce Machado
Sidnei Wolf
Marcos Rogério Kreutz
Jones Fiegenbaum

Vol. XI | n°22 | 2014 | ISSN 2316 8412



ARQUEOLOGIA DO ARROIO MARRECCAS - CAXIAS DO SUL, RS

Patrícia Schneider¹

Neli Teresinha Galarce Machado²

Sidnei Wolf³

Marcos Rogério Kreutz⁴

Jones Fiegenbaum⁵

Resumo: As pesquisas arqueológicas na região da Serra Gaúcha iniciam na década de 1960. Os estudos centram-se em sítios arqueológicos específicos como as estruturas subterrâneas, ligadas à ocupação pré-colonial, além de sítios históricos dos séculos XVIII e XIX. Além da pesquisa acadêmica, o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas na região tem ficado a cargo da arqueologia de contrato, devido às demandas de crescimento socioeconômico. Assim, o objetivo desse texto é apresentar os dados das atividades de campo e laboratório do Programa de Resgate Arqueológico da área do Barramento do Arroio Marrecas no distrito de Vila Seca, no município de Caxias do Sul, RS, empreendimento realizado pelo Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto – SAMAE.

Palavras chaves: Resgate Arqueológico, Estrutura Subterrânea, Sítio Histórico.

Abstract: Archaeological researches begins in the region of Serra Gaúcha in 1960. The studies focus on specific archaeological sites such as pithouses, linked to pre-colonial occupation, and historical sites of the eighteenth and nineteenth centuries. Besides academic research, the development of archaeological research in the region has been borne by the archeology contract due to the demands of socioeconomic growth. So, the aim of this paper is to present data from field and laboratory activities from Programa de Resgate Arqueológico da área do Barramento do Arroio Marrecas on district Vila Seca, Caxias do Sul, state of Rio Grande do Sul, development carried out by Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto – SAMAE.

Keywords: Archaeological Rescue, Pithouse, Historical Site.

INTRODUÇÃO

A preservação do patrimônio arqueológico está presente em vários projetos de lei desde 1936, em consequência, as pesquisas em torno deste tema têm crescido e se profissionalizado. Graças à promulgação e cumprimento das legislações patrimoniais em âmbito federal, estadual e municipal, pesquisas que visam à proteção do patrimônio arqueológico, histórico e cultural têm sido cada vez mais exigidas e realizadas por todo o país.

¹ Centro Universitário Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Brasil; Mestre, Coordenadora do Centro de Memória, Documentação e Pesquisa.

² Centro Universitário Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Brasil; Doutora, Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento e coordenadora do Setor de Arqueologia do Museu de Ciências Naturais, Brasil.

³ Centro Universitário Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Brasil; Mestre, pesquisador do Museu de Ciências Naturais, Brasil.

⁴ Centro Universitário Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Brasil; Mestre, Pesquisador do Museu de Ciências Naturais, Brasil.

⁵ Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Brasil.

Paralelo à legislação em vigor no Brasil, a preocupação com relação à preservação do patrimônio histórico e arqueológico, deve-se, segundo Funari e Robrahn-Gonzáles (2008), em função da revolução tecnológica das últimas décadas, propiciando uma enorme disseminação de informações arqueológicas em todo o país.

O objetivo desse texto é apresentar os resultados das atividades de campo e laboratório, realizados em dois sítios: o sítio histórico Verza/Tapera Castilhos, RS - A - Marrecas 01 e o sítio arqueológico Suzin/Fazenda Ferradura - RS - A - Marrecas 02. Ambos vinculados ao Programa de Resgate Arqueológico da área do Barramento do Arroio Marrecas no distrito de Vila Seca, no município de Caxias do Sul, RS.

O Sistema Marrecas, localizado no Distrito de Vila Seca, Caxias do Sul, compreende um reservatório de água para o tratamento, adução e abastecimento da população do município. Esse empreendimento é composto do barramento do Arroio Marrecas, Estação de Bombeamento de Água Bruta (EBAB), Estação de Tratamento de Água (ETA) e adutoras de água tratada.

O barramento para o Arroio Marrecas está localizado aproximadamente 25 km na direção nordeste do centro urbano de Caxias do Sul. O Arroio Marrecas está inserido na Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. O acesso à área do empreendimento pode ser feito a partir da Rodovia RST 453 - Rota do Sol -, percorrendo 10 km a partir do entroncamento desta com a Rodovia BR 116, em Caxias do Sul, direção a Lajeado Grande – São Francisco de Paula (ESTUDO, 2008).

O programa de salvamento foi realizado pelo Setor de Arqueologia do Centro Universitário Univates, cuja obra esteve sob a responsabilidade do Serviço Municipal Autônomo de Água e Esgoto, SAMAE, autarquia da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.

As intervenções nos sítios identificados na área do barramento e alague em 2007, quando da etapa do Diagnóstico Arqueológico - Sítio Verza/Tapera Castilhos, RS - A - Marrecas 01, sítio histórico e o Sítio Suzin/Fazenda Ferradura - RS - A - Marrecas 02, sítio pré-colonial com estrutura subterrânea - permitiram a interpretação da ocupação humana no espaço a fim de contribuir com o conhecimento arqueológico regional.

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

As atividades foram realizadas em dois sítios arqueológicos, Sítio Verza/Tapera Castilhos, RS - A - Marrecas 01 e o Sítio Suzin/Fazenda Ferradura - RS - A - Marrecas 02, situados na área do reservatório de água formado a partir do Arroio Marrecas.

Sítio Verza/Tapera Castilhos, RS - A - Marrecas 01

O sítio, caracterizado como histórico em superfície localiza-se nas coordenadas UTM: N 6.785.993 – E 503.140 – Altitude 744 m. O material arqueológico e estruturas identificadas encontram-se na subsuperfície, em profundidades inferiores a 10 cm.

Em um primeiro momento realizou-se levantamento minucioso na área do sítio, procurando evidenciar material arqueológico na superfície. No entorno do sítio foram realizadas averiguações visando localizar afloramentos rochosos, identificando aqueles que porventura apresentassem sinais de exploração. Como resultado, na área de entorno e no sítio, não foram identificados afloramentos com indícios de utilização na formação do sítio histórico.

A área do sítio é utilizada como área de pastagem, havendo inclusive uma habitação demolida (a casa e seus destroços foram retirados pela equipe de desapropriação e pelos moradores). Seu entorno é formado por árvores de grande e médio porte, com ampla incidência da *Araucaria angustifolia*, arbustos, além de locais com inexistência de vegetação arbórea.

A área sofre constantes processos de antropização, tanto pela utilização como pastagem de equinos e caprinos, além da modificação do terreno para construção de habitação, áreas de lazer e estradas de circulação interna. A queima de galhos que se desprendem das árvores do local e folhagens impacta diretamente o material arqueológico e a interpretação de dados. O acúmulo de entulhos por parte dos moradores recentes também é percebida, sendo que essas reocupações dos espaços interferem diretamente no sítio.

Após percorrimento na área do sítio arqueológico realizou-se limpeza e coleta assistemática do material arqueológico na superfície. Em um segundo momento iniciou-se a abertura de sondagens, trincheiras e áreas amplas de escavação pré-definidas a partir das informações coletadas através dos relatos orais e observações realizadas durante a coleta superficial (FIGURA 01).

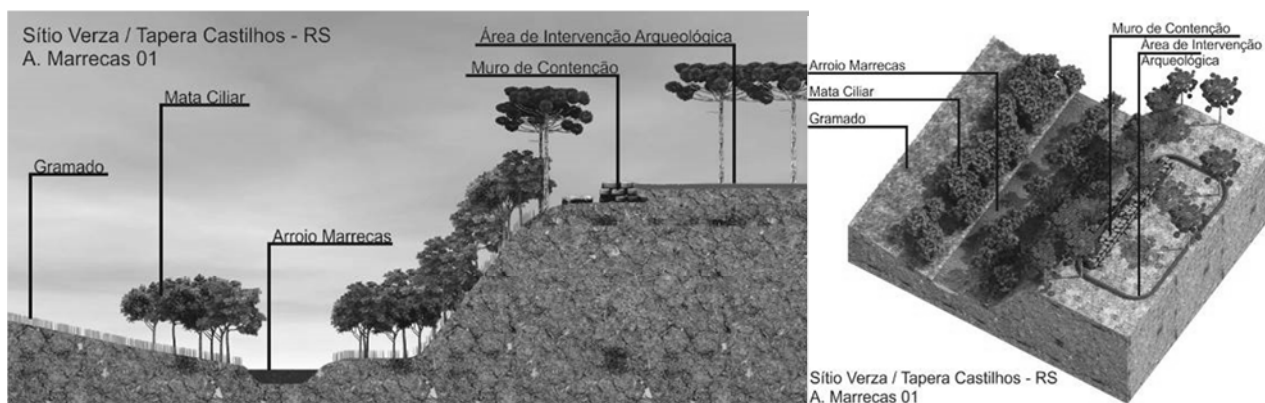


Figura 01: Croquis da área demarcada do sítio histórico. Fonte: Jeferson Arend, 2012.

Na área do sítio verificou-se a existência de um muro de contenção de 13,50 m de comprimento com 70 cm de altura e largura média de 1 m. Durante a realização da limpeza na estrutura foram localizados fragmentos de louças, vidros e metal, típicos de sítios históricos. Os materiais estavam fragmentados e em estado de deteriorização, depositados entre as pedras que compõe o muro (FIGURA 02).

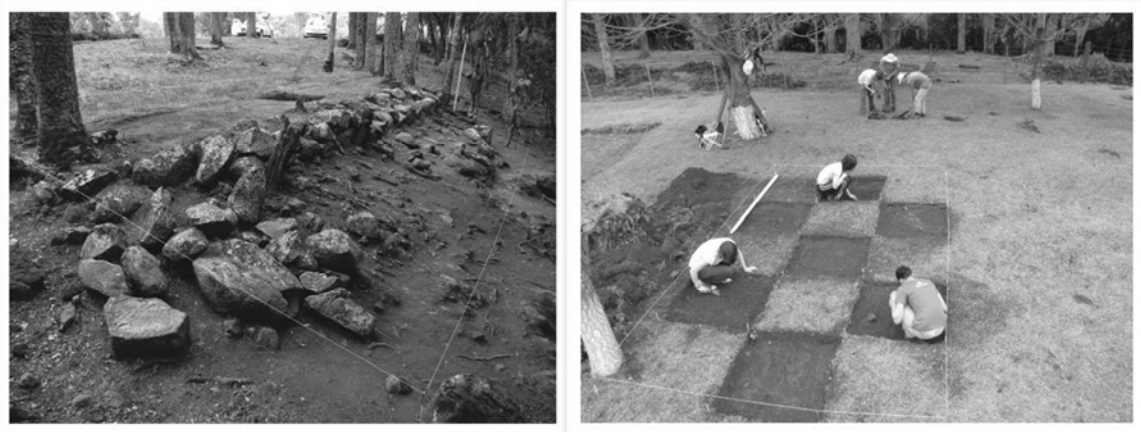


Figura 02: Área do muro de contenção, após processo de limpeza e área do 5x3 m, ao fundo abertura de trincheira.

Fonte: Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates, 2012.

Delimitou-se sondagens em forma de trincheira (FIGURA 03) para um melhor aproveitamento do espaço. Essas trincheiras foram divididas, da seguinte forma: Trincheira Sul 1 e Trincheira Sul 3. Compondo o outro bloco, a Trincheira Norte 1 e Trincheira Norte 3. A Trincheira Sul 1 apresenta 3 m de comprimento por 1 m de largura, com profundidade máxima de 35 cm e mínima de 15 cm. Nessa intervenção foi evidenciado um “trilho de pedras” (rochas sedimentares). As rochas estão dispostas em pouca profundidade projetando-se como um trilho, uma espécie de caminho.

O material arqueológico (louças, vidros e metais) aparece nas primeiras camadas da escavação não ultrapassando 10 cm de profundidade, no mesmo nível das pedras do trilho, e raramente abaixo desse limite. A quantidade de material arqueológico diminui à medida que se aproximava do muro de contenção, em direção oeste. Percebendo essa dinâmica do material e acompanhando o trilho evidenciado, optou-se por continuar a escavação no sentido do “trilho de pedras”.

A dispersão do material arqueológico seguiu a mesma dinâmica da Trincheira Sul 1, aparecendo somente nos primeiros 5 cm de profundidade, geralmente associado as pedras que formam o trilho. Os blocos de rochas presentes nessa intervenção não apresentavam disposição indicando estruturas, podendo fazer parte do processo de degradação do muro de contenção o qual se encontra a 2 m de distância. Foram evidenciados fragmentos de louça e vidro nas camadas superficiais.

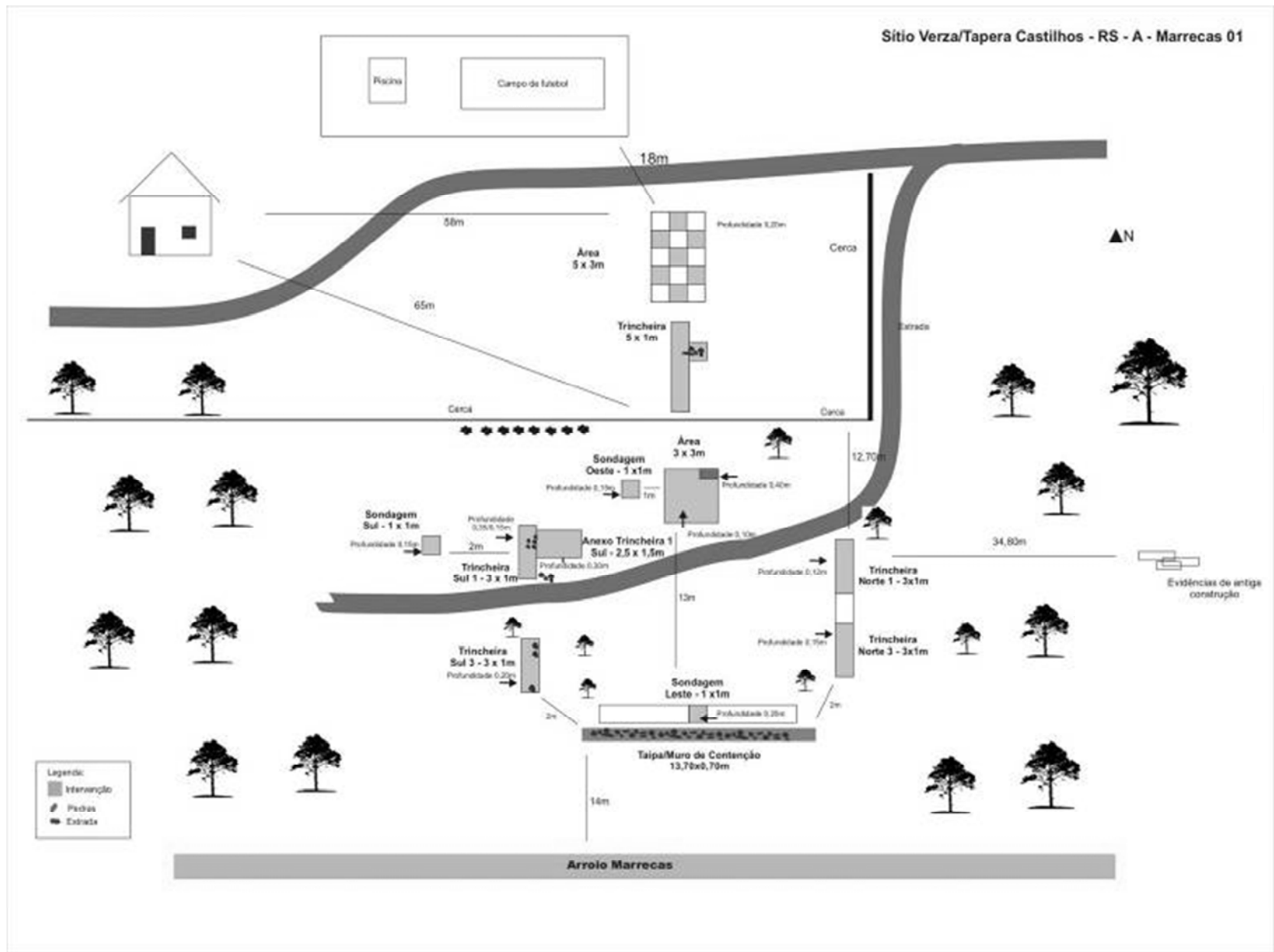


Figura 03: Croqui das intervenções no sítio histórico. Fonte: Elaborado pelos autores, 2012.

Optou-se pela atividade de escavação em área ampla visando o controle sincrônico da dispersão do material arqueológico, que poderia identificar possíveis estruturas e até mesmo a utilização dos espaços. Entretanto, não foram percebidas concentrações do material arqueológico que pudessem indicar a utilização da área. Nessa mesma área, evidenciaram-se algumas pedras de basalto lascadas que serviam como encaixes para o preenchimento do muro de contenção.

Seguindo as orientações das escavações anteriores realizadas no local, delimitou-se uma malha de 5 x 3 m em sentido leste - oeste que foi dividida em quadrículas de 1 m² com 20 cm de profundidade (FIGURA 02). As quadrículas foram escavadas alternadamente, pela técnica da decapagem, acompanhando os níveis naturais do solo, possibilitando a visualização da dispersão do material. A quantidade de material arqueológico evidenciada foi bem reduzida. Louças, vidro e metal (na maioria pregos) apareceram nas primeiras camadas do solo, com 5 cm de profundidade.

Em direção sul da área do 5x3 optou-se por abrir uma trincheira, seguindo alinhamento com a área do 3x3, onde já haviam sido evidenciadas rochas sedimentares (arenito) alocadas em linha reta, supondo ser um caminho ou trilho. Na área da trincheira foi registrado um aglomerado de rochas sedimentares (arenito) podendo ser a continuidade do trilho, ou até mesmo, fazendo parte de uma nova estrutura. No intuito de mapear a distribuição de material arqueológico na subsuperfície da área, bem como, delimitar as extremidades do sítio foram realizadas 3 sondagens em locais distintos do sítio histórico: Sondagem Sul, Sondagem Oeste e Sondagem Leste.

A Área 3x3 e a Trincheira Sul 1, apresentaram a maior quantidade de material, as duas localizadas a sudoeste do muro de contenção, aproximadamente a 20 m de distância.

Durante os procedimentos de salvamento foram constatados diversos processos de ação antrópica sobre o ambiente. Além de impactar a natureza contribuem para a deterioração e perturbação do sítio histórico existente. Tais processos também são as causas de fraturas e ou lascamentos não arqueológicos nas rochas e pela formação de ecofatos e geofatos. Na área do Sítio Verza/Tapera Castilhos - RS - A - Marrecas 01 apresentam processos de antropização recentes, como exemplo, uma residência que data da década de 1990. O processo de abertura das fundações, o remanejamento do solo e as terraplanagens impactaram diretamente o sítio arqueológico.

Outro aspecto são as estradas e aterros, pois a sua construção em terrenos inclinados favorece a erosão no solo. Na área do sítio existem caminhos, acessos e estradas, cujo processo de construção impacta diretamente o sítio prospectado. A constituição dessas vias altera a posição do material arqueológico, bem como, as estruturas e feições arqueológicas.

O sítio histórico está implantado em uma zona que no início do século XX, era uma grande propriedade que foi sendo desmembrada em razão de heranças. O local era conhecido por Terra dos Castilhos ou Arroio dos Irmãos, pois a família vivia e plantava na área. Conforme informações de uma

moradora e descendente dos primeiros proprietários, a Senhora Aura, afirmou e indicou que uma casa estava construída no local.

Apesar das intervenções realizadas e do “trilho” identificado não foi possível registrar fundamentos da estrutura de habitação. Duas hipóteses são levantadas a esse respeito. A primeira de que a estrutura de fundação da casa, se feita de pedra, poderia ter sido removida para limpeza da terra, para ocupações mais recentes. A segunda, de que a casa poderia ter sido construída de madeira, pela abundância dessa matéria prima na região e sem fundamento de pedra. Deste modo o tempo se encarregaria de destruir as evidências, tendo-se mais de 100 anos dessa primeira ocupação, juntamente com as alterações no terreno, poderiam ter destruído concentrações de manchas orgânicas.

Durante as atividades de salvamento e processos de curadoria em laboratório (lavagem, triagem, catalogação, análise e armazenamento) foram identificadas e classificadas 382 peças arqueológicas neste sítio. As peças foram separadas por tipo, louça, vidro, metal, lítico e cerâmica, preservando-se as informações sobre sua dispersão na espacialidade do sítio.

A composição do material encontrado remete a ocupação dos primeiros colonizadores da região. São louças e instrumentos de uso cotidiano como facas, colheres e vidros de remédio de produção artesanal, característicos do fim do século XIX e início do XX. Alguns vidros encontrados apresentam características de produção industrial e remetem a ocupação recente da área. Os metais como pregos remetem a atividade construtiva da habitação.

Associando os tipos de materiais e os locais onde foram encontrados pode-se supor que eles tenham sido intencionalmente descartados fora da habitação, mas em um espaço de circulação devido ao trilho e reutilizados na composição do processo construtivo. Alguns podem ter sido perdidos, no dia a dia da ocupação da área, como uma moeda, encontrada durante as atividades. No muro de contenção este material pode ter servido para preencher os espaços vazios entre as pedras, auxiliando na fixação destas.

As louças em um sítio arqueológico revelam importantes dados quanto às hábitos alimentares, bem como quanto ao comércio destes produtos, pois em alguns casos tratam-se de produtos específicos de difícil aquisição. Segundo Symanski (1998), eram compradas na maioria das vezes, fazendo-se uma escolha, diferente dos vidros de remédios, onde o objetivo é o remédio em si e não o recipiente.

As intervenções arqueológicas identificaram camadas contendo diversos vestígios correspondentes ao século XIX. As louças apresentam diversidade e quantidade somando 87, porém, poucas são passíveis de remontagem. Destas, 60 são classificadas como louças brancas, sendo 10 com motivo trígalo (FIGURA 05). O restante, 27 peças, apresentam algum motivo decorativo seja de paisagem, floral ou linhas/faixas.



Figura 05: Peças encontradas na coleta superficial. Peças apresentam Esmalte: *pearlware*, Técnica decorativa: *transfer printing*, Cena: chinesa, Estilo: *chinoiserie*, Padrão: *willow*, Cor: azul, Período de fabricação: 1780 a década de cinquenta do séc. XIX. Forma: prato. Peça encontrada na Trincheira Sul 1. Perna de boneca em porcelana branca, sem esmalte. Peça, encontrada na Trincheira Sul 1. Parte de malga. Louça branca com esmalte e duas finas faixas que circundam a peça na cor marrom. Alça de louça branca, provavelmente de uma xícara, encontrada na Trincheira Sul 1.

Fonte: Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates, 2012.

As análises demonstram que a maior parte dos fragmentos de louça segue padrão branco (60 peças), e de faixas (8 peças) o que, com base na escala de Miller (SYMANSKI, 2002), representa louça de menor valor. Um número bem menor de fragmentos está relacionado com louças que seguem padrões geométricos, paisagens chinesas, pintadas à mão, decalcadas, representando a mais cara louça produzidas no século XIX (BRANCANTE, 1981 *apud* PEIXOTO, VERGARA, 2006).

Tocchetto (2004) salienta que a qualidade do material evidenciado no registro arqueológico será reflexo do poder de compra do indivíduo. A partir das peças encontradas, supõe-se tratar-se de uma família de certa forma abastada. A maior parte do conjunto de louças é de baixo custo usado no dia a dia, entretanto, aparecem peças mais sofisticadas, que podem ter sido adquiridas no Brasil ou terem vindo do processo de imigração desta família.

Os objetos encontrados, não permitem a identificação de formas, devido ao tamanho dos fragmentos, mas a associação com peças que possuem o mesmo tratamento decorativo e catalogadas por Tocchetto em 2001, indicam algumas possíveis, como malgas, pratos, xícaras e urinol. Somente as 3 peças caracterizadas como *Willow* azul, apresentam a forma de prato. Em dois fragmentos que apresentam parte de um selo, não foi possível identificar o nome do fabricante, pois as informações eram insuficientes para encontrar a marca.

As louças encontradas neste sítio têm datas que variam considerando o período e fabricação, de 1780 ao início do século XX, indicando um provável período de ocupação que esta de acordo, com as informações históricas levantadas para a área. Nesse sentido, Tocchetto (2004) lembra que as louças podem atuar como indicadores cronológicos do período de ocupação do sítio em virtude da padronização, com momentos de produção específicos.

Quanto aos vidros encontrados, após o processo de limpeza foi iniciada a análise qualitativa e quantitativa dos artefatos. Qualitativamente, os vidros foram separados de acordo com a parte, o tipo e a cor do utensílio. Quantitativamente, o material foi contado e dividido em peças inteiras e em fragmentos conforme a coloração.

Dos 114 materiais classificados como vidro, 103 não permitem identificar a forma de algum recipiente, sendo a maior parte de vidros lisos e chatos, lembrando vidros de janelas. Os 11 restantes estão assim divididos: 02 são fundos de coloração verde, 03 gargalos, sendo um verde e dois incolores, um frasco verde manual/semi-automática composto de gargalo, parede e base, 02 frascos incolor, e 01 frasco verde, gargalo e base. Destaque para 02 peças uma de base e outra de parede que compõe o mesmo recipiente e apresenta inscrição em autorrelevo “Pílulas do Dr. Rocha”, medicamento de uso feminino, o qual era indicado para “[...] trata moléstia do útero, asma nervosa, peso, dores e cólicas no ventre, as perturbações e doenças da menstruação, anemia, palidez, amarelão”⁶.

O estudo também verificou o método de fabricação dos vidros: manual, semi-automático e automático. Nas 11 peças em que foi possível identificar a forma do recipiente, nota-se a predominância da presença de bolhas na massa vítrea, podendo as peças serem classificadas principalmente como manual/semi-automáticas. A finalidade principal dos recipientes era o acondicionamento de remédios. Quanto à cronologia sabe-se que a produção manual no Brasil inicia em finais do século XIX e já no início do século XX convive com a produção semi-automática, fechando com o período de ocupação do sítio.

Um recipiente de vidro inteiro (gargalo e base/parede), com coloração verde (FIGURA 06) encontrado, apresenta marcas de produção manual/semi-automática, com a linha vertical característica nas laterais e bolhas na massa vítrea.

Os materiais hialinos podem complementar os dados quanto a cronologia do sítio, bem como, revelar informações quanto as preocupações relacionadas à saúde do período, porém, a pouca quantidade de recipientes passíveis de análise, reduz as interpretações.

Em relação a coleção dos metais tem-se a totalidade de 79 peças. Destas, 51 são de pregos que podem ter sido usados no processo construtivo da antiga habitação e estruturas adicionais existentes, bem como durante as obras de construção das estruturas recentes existentes no local. Pois, os pregos apresentam cabeça arredonda, indicando produção mais recente. Não foi encontrado nenhum com cabeça quadrada ou cravos (FIGURA 07). O restante das peças apresenta variabilidade de materiais de uso cotidiano, como lata, cabo de ferramenta, concha de colher, cabo de talher, botão e moeda. A data da moeda compreende o provável período de ocupação do sítio, pela família Castilhos.

⁶ Disponível em: www.emaginedesign.com.br/pos.../silva_leicyfranciscada2003.pdf. Acesso em maio 2012.

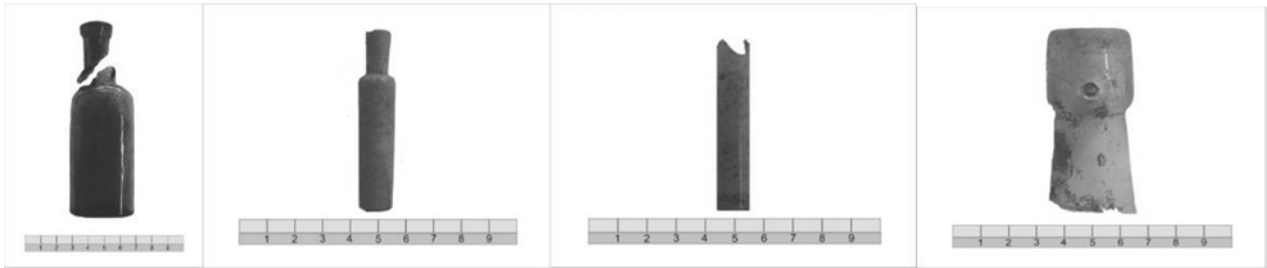


Figura 06: Recipiente inteiro, encontrado na Trincheira Sul 1. Este recipiente apresenta bolhas na massa vítrea e linhas verticais opostas nas laterais. Recipiente faltando o gargalo, de vidro muito frágil, encontrado na Trincheira Sul 3. Recipiente de produção automática, encontrado na área da Trincheira Sul 1. A peça apresenta uniformidade e não apresenta bolhas na massa vítrea. Gargalo com massa vítrea não uniforme e bolhas, de fabricação manual. A base que compõe o conjunto com esta peça apresenta marca de pontil no fundo. As peças foram encontradas na Trincheira Sul 1.

Fonte: Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates, 2012.

Os metais encontrados são objetos utilizados no cotidiano da residência, no âmbito familiar e doméstico, inclusive dos hábitos à mesa, deste modo, fazem parte do privado dos indivíduos, são talheres, acessórios e vestígios de vestimentas (THOMASI, MILDER, 2006).

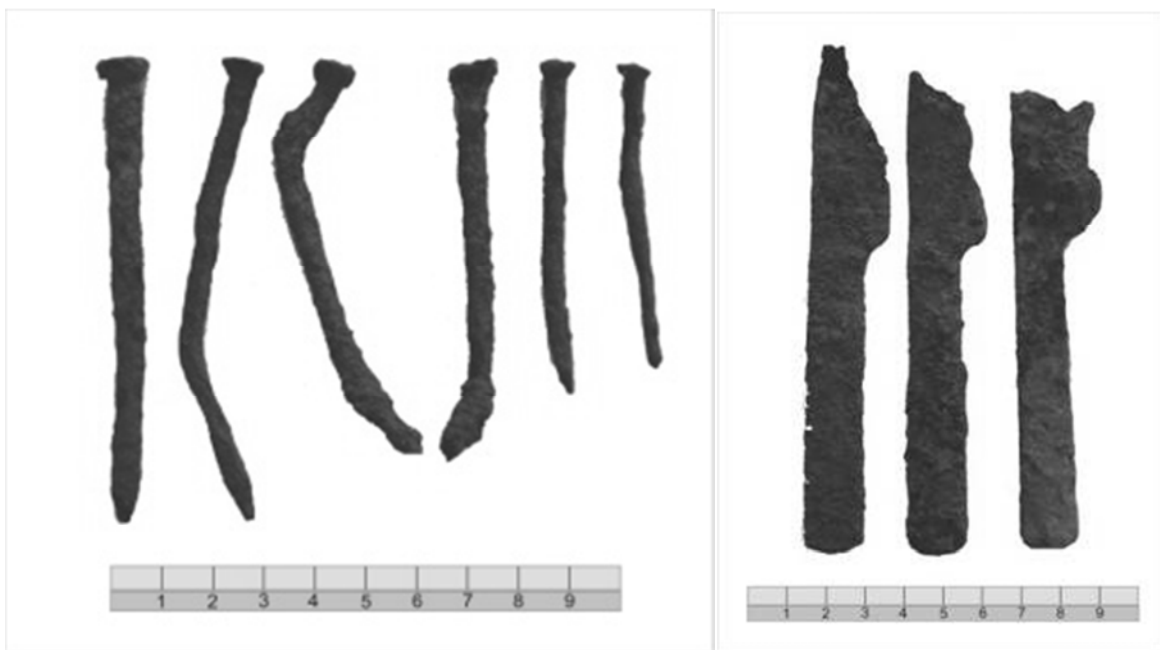


Figura 07: Exemplos de pregos e cabos de faca encontrados na Trincheira Sul 1. Fonte: Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates, 2012.

Quanto as peças líticas, os materiais apresentados somam 102 peças, sendo 79 de materiais líticos. Pela presença da taipa e os alinhamentos de pedra identificados, supõe-se que estas peças tenham sido

produzidas pelos ocupantes da área do período histórico, visando fazer o preenchimento dos espaços entre as pedras. Percebe-se a modificação de alguns materiais visando o encaixe dando a forma de cunhas.

A cerâmica colonial, telha e tijolo, somam 18 peças. A cerâmica colonial compreende partes de Garrafas de Grés, que acondicionavam bebidas alcoólicas. As telhas e tijolos são da ocupação recente, provavelmente do processo construtiva da casa “moderna” existente no local.

Sítio Suzin/Fazenda Ferradura - RS - A - Marrecas 02

O sítio é caracterizado como pré-colonial associado a “casas subterrâneas” contendo material arqueológico na superfície e na subsuperfície. Localiza-se nas coordenadas UTM: N 6.786.879 – E 502.331 – Altitude 759m. O sítio arqueológico está implantado em uma região conhecida como Região Fitoecológica Floresta Ombrófila Mista que ocupa grande parte do Planalto das Araucárias.

Em um primeiro momento realizou-se um levantamento criterioso, observando as condições do terreno e a visualização de evidências arqueológicas na área do sítio (FIGURA 08). Essa atividade contou com registro fotográfico e realização de croquis (FIGURA 09).

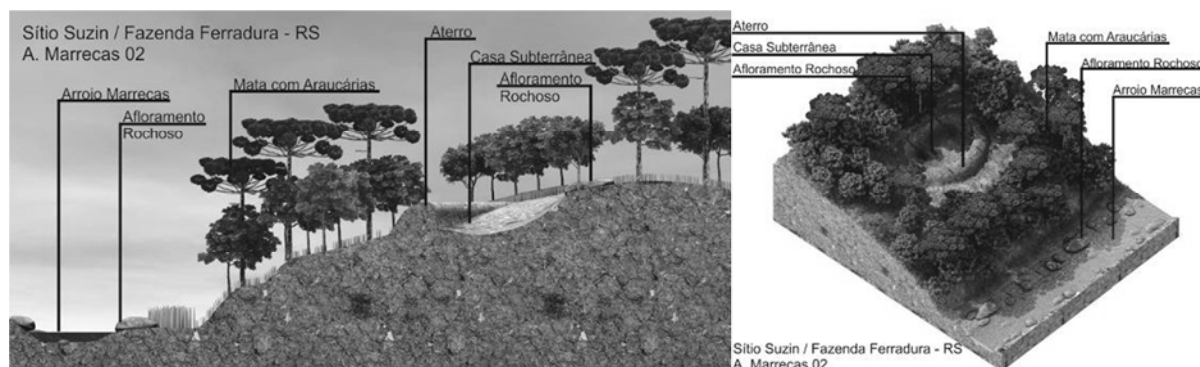


Figura 08: Croqui da área demarcada do sítio arqueológico. Fonte: JEFERSON AREND, 2012.

A primeira atividade realizada na área demarcada para o sítio, e nas suas adjacências, foi à limpeza do local. Essa atividade auxilia na melhor compreensão da totalidade da área a ser trabalhada e melhora a visibilidade das intervenções que serão realizadas.

No interior da estrutura optou-se por realizar uma trincheira que abrangesse ambas a extremidades. Delimitou-se a área de intervenção no sentido sul-norte, totalizando 8x1 m. Preocupou-se em acompanhar a topografia do terreno até uma profundidade de 15 cm. Na porção norte da trincheira identificaram-se rochas com negativos de exposição ao fogo, lascas de quartzo e rochas basálticas em decomposição nos primeiros 15 cm. A 80 cm do centro da estrutura no sentido norte e 10 cm de profundidade, encontrou-se nós de pinho, aglomerados numa área 25 cm². Pela concentração de raízes na extremidade da sondagem, optou-se por realizar perfil estratigráfico na parede leste.

O perfil revelou a seguinte estratigrafia da estrutura na porção norte (FIGURA 10): a 1ª camada teve 15 cm de solo arenoso e apresentou uma coloração escura, possivelmente associada a decomposição de matéria orgânica da superfície; a 2ª camada, com 10 cm de solo argilo-arenoso, apresentou coloração levemente avermelhada; a 3ª camada com aproximadamente 15 cm de solo argilo-arenoso apresentou coloração alaranjada, percebeu-se menor presença de argila em relação a camada anterior; a 4ª camada, com aproximadamente 50 cm de solo areno-argiloso, apresentou camada de solo natural da região com presença de material arqueológico.

A Sondagem 2 (1x1 m), foi aberta no sentido leste e a 1,5 m da estrutura subterrânea. Atingiu-se a profundidade de 15 cm e não foram evidenciados materiais arqueológicos. Observou-se a presença de solo escurecido a partir 2 cm até os 15 cm de profundidade.

A Sondagem 3 (1x1 m) atingiu 20 cm de profundidade evidenciando rochas basálticas em decomposição e solo escurecido. Não foram identificados materiais arqueológicos.

A Sondagem 4 (1x1 m) deu-se no sentido oeste da estrutura subterrânea. Atingiu-se 20 cm de profundidade, foram evidenciados rochas em decomposição, pinhão carbonizado e instrumento de basalto bifacial.

A Sondagem 5 (2x1 m) foi realizada em uma estrada, um caminho em precárias condições, no sentido sul a 22 m da estrutura subterrânea. Atingiu-se a profundidade de 20 cm, onde se evidenciou a presença de um artefato bifacial.

Durante as atividades de salvamento e processos de curadoria em laboratório (lavagem, triagem, catalogação, análise e armazenamento) foram identificadas e classificadas 156 peças arqueológicas. A primeira análise em laboratório contemplou a classificação tipológica, que consistiu na divisão das peças entre lascas, núcleos, fragmentos e instrumentos. Entendeu-se por fragmento qualquer tipo de rejeito estilha que foram produzidos durante o processo de lascamento. Por “instrumento”, uma terminologia bastante variável na arqueologia, peças com retoques.

Quanto aos instrumentos, peças que fornecem subsídios para uma análise aprofundada, foram produzidas a partir de seixos, o que exclui a debitage inicial (geralmente destinada a destacar o suporte volumétrico de um bloco).

Na intervenção realizada na trincheira, que atravessa a estrutura subterrânea, evidenciou-se um instrumento de arenito friável, um fragmento de basalto que apresenta fratura por ação térmica, podendo indicar associação a áreas de combustão no interior da estrutura e nós de pinho evidenciados na porção norte. Os nós de pinho (17) estavam agrupados, e acomodados numa mesma profundidade, aproximadamente 20 cm da superfície.

Entre os demais materiais evidenciados na trincheira destaca-se um instrumento bifacial. Ainda na trincheira, na sua porção central, realizou-se um aprofundamento onde foi evidenciada uma ponta de projétil quebrada em quartzo leitoso (FIGURA 11).



Figura 11: Ponta de projétil em quartzo leitoso, evidenciada na porção central da trincheira. Seixo de basalto lascado bifacialmente, material evidenciado na Sondagem 4, localizada no aterro da estrutura. Lasca em arenito silicificado com retoques, material evidenciado na área do 3x3 fora da estrutura. Fonte: Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates, 2012.

A matéria prima predominante explorada no sítio é o basalto. Os fragmentos de calcedônia e quartzo evidenciados no sítio podem identificar uma experimentação das demais matérias primas existentes no local, porém não foi verificado nenhum instrumento a partir desses. Os instrumentos obedecem alguns critérios já mencionados acima, são confeccionados a partir dos blocos existentes no local, sendo após sua utilização são abandonados. Não foi possível verificar na área alguma estrutura mais específica, onde pudesse ser realizado algum tipo de remontagem a partir de lascas, núcleos ou ainda, instrumentos.

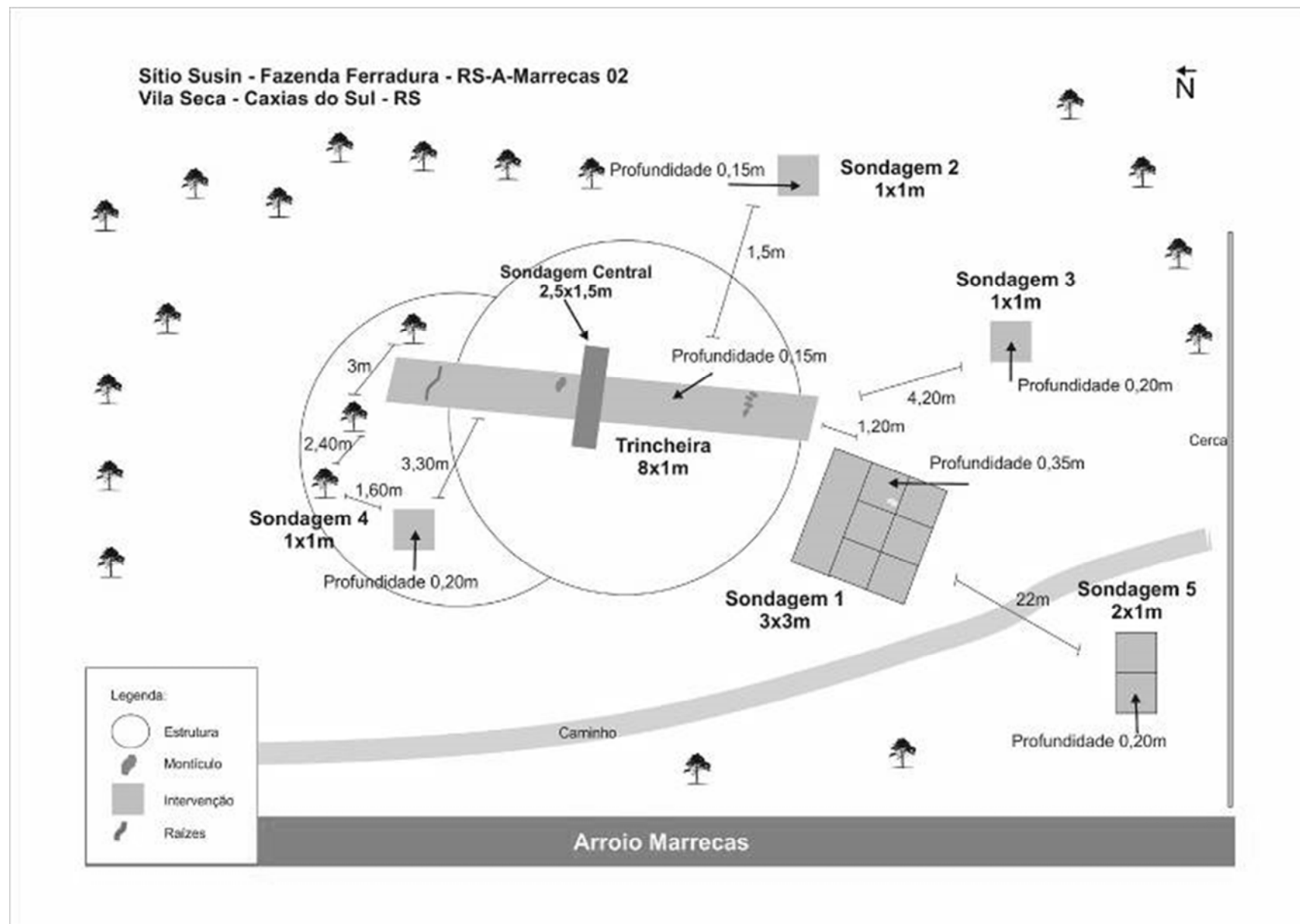


Figura 09: Croqui do sítio arqueológico. Fonte: Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates, 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A PESQUISA

Os estudos e atividades realizados no sítio histórico, Verza/Tapera Castilhos, RS - A - Marrecas 01, e no sítio pré-colonial, Suzin/Fazenda Ferradura - RS - A - Marrecas 02 ocorreram em virtude de uma pesquisa de “contrato”, porém embasado em preocupações “acadêmicas” e científicas. Foram descritas as atividades metodológicas de campo e laboratoriais com as quais se tentou apresentar as duas unidades arqueológicas, inseridas em um processo histórico de ocupação da Serra Gaúcha.

Em relação ao sítio histórico, por meio dos dados levantados identificou-se sua ocupação desde o final do século XIX até o século XX. As 382 peças que compõe o acervo deste sítio demonstram atividades cotidianas. São objetos como as louças, vidros, metais que indicam rituais e momentos ligados à alimentação, vestimenta e preocupações com a saúde. No entanto, apesar da extensão das intervenções realizadas, pode-se considerar baixo o número de peças encontradas, o que remete a perturbação da área por ocupações recentes. Mesmo com estas limitações, os materiais resgatados contribuíram para complementar as informações sobre o sítio e o período de ocupação, no final do século XIX.

Já no sítio arqueológico pré-colonial, considerando o contexto regional e o potencial para esse tipo de ocupação, caracteriza a presença do grupo ameríndio construtor das estruturas subterrâneas, os Jês Meridionais, na área de estudo. Porém, é preciso ressaltar que a estrutura encontra-se isolada, sem a presença de outras no entorno.

Percebe-se que a maioria do material arqueológico identificado no sítio encontra-se fora da estrutura subterrânea. Assim, as atividades do cotidiano, estariam sendo realizadas em uma área de convívio social em espaço aberto, onde o material arqueológico foi localizado. Restando ao interior da estrutura a cultura material associada à área de combustão, lascas e a ponta de projétil.

A localização do sítio pode ser um ponto estratégico na paisagem do local, considerada topo de interflúvio, pois há a disponibilidade de matéria prima no local e fonte de recursos hídricos. O local também poderia ser utilizado como ocupação duradoura, ou até mesmo, servir como ponto de reabastecimento de matéria prima ou para confecção de instrumentos líticos. Porém, deve-se ter cautela nessas afirmações, pois alguns desses dados podem estar comprometidos tendo em vista os impactos que a área já sofreu por ação do homem ou da própria natureza.

A configuração desse tipo de sítio arqueológico faz parte de um processo de colonização indígena e de assentamentos Proto-Jê Meridionais. O material coletado deverá contribuir para complementações importantes sobre a história desses povos e de sua cultura material no extremo sul do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AREND, J. *Croqui da área demarcada do sítio arqueológico*. Lajeado: 2012, 01 ilustração.
- AREND, J. *Croqui da área demarcada do sítio histórico*. Lajeado: 2012, 01 ilustração.
- CENTRO de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates. *Centro de Memória*. Lajeado: UNIVATES, 2012.
- ESTUDO de Impacto Ambiental da futura barragem do Arroio Marrecas. 2008.
- FUNARI, P.P.A.; ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M. Ética, capitalismo e arqueologia pública no Brasil. *História (São Paulo)*, v. 27, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742008000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 14/03/2012.
- PEIXOTO, L.S.; CERQUEIRA, F.V. *Salvamento arqueológico do Centro histórico de Pelotas, RS, Brasil*. Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB/Sul. 20 a 23/11/2006, Rio Grande, RS.
- SYMANSKI, L.C.P. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- SYMANSKI, L.C.P. Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. In: ZARANKIN, A.; SENATORE, M.X. (Org.). *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul*. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, p. 31-62, 2002.
- TOCCHETTO, F.B. *Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista*. Porto Alegre: PUCRS, 2004.
- TOCCHETTO, F.B.; SYMANSKI, L.C.P.; OZÓRIO, S.R.; OLIVEIRA, A.T.D.; CAPPELLETTI, A.M. *A faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade*. Porto Alegre: EU/SMC, 2001.
- THOMASI, D.I.; MILDER, S.E.S. *Cotidiano de uma estância do século XIX através da cultura material: os metais da Estância Velha do Jarau*. Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB/Sul. 20 a 23/11/2006, Rio Grande, RS.

Recebido em:28/06/2014
Aprovado em:01/09/2014
Publicado em:03/10/2014